

Só para investidor estrangeiro ver

Enquanto Loyola garante nos EUA que o Brasil crescerá menos em 97, Malan nega qualquer medida para frear a economia

Nova York — O presidente do Banco Central, Gustavo Loyola, disse ontem a uma platéia de investidores estrangeiros que o governo brasileiro vai seguir as regras do Fundo Monetário Nacional (FMI), em 1997, desacelerando ainda mais a economia, permitindo um crescimento de no máximo 4% a 5%. "Vamos entrar em 97 com taxas baixas de crescimento e equilibrando a balança", disse. O objetivo da promessa é atrair investimentos "de certa qualidade, evitando o capital que busca ganhos rápidos", afirmou.

O presidente do BC participou de uma mesa redonda com os presidentes dos bancos centrais do Chile, Venezuela e México, dentro da Conferência das Américas, uma promoção da revista *Forbes*, reunindo empresários e investidores norte-americanos, encerrada ontem no Hotel Waldorf Astoria. A desaceleração, disse ele, é a principal medida para manter o Plano Real. Destacou que o governo vai "reduzir o custo Brasil", cortando a folha de pagamento e a previdência social, apostando ainda mais na privatização.

Mas em Belo Horizonte, o ministro da Fazenda, Pedro Malan, falou

justamente o contrário ao afirmar que não estão sendo planejadas eventuais medidas para frear a economia. Ele foi taxativo em descartar qualquer decisão neste sentido. "O que acontece são conversas estapafúrdias. A economia não está superaquecida", disse, em entrevista após encontro com empresários mineiros.

Segundo ele, o governo promove uma política adequada de redução de juros, com liberação gradual do acesso ao crédito. O ministro disse ainda que o País não está em recessão, nem "nunca estará". Com relação ao imposto único para microempresas, Malan se limitou a dizer: "Quem quiser, deve aderir; quem não quiser, não o faça".

BONS AMIGOS

No final do encontro em Nova York, Loyola foi cercado por repórteres brasileiros que queriam dele informações sobre a situação do Bamerindus. Ele recusou-se a comentar, por ordens do ministro da Fazenda, Pedro Malan. "Não posso falar de um processo em andamento", afirmou, acrescentado que também não podia fazê-lo porque tinha "bons

Zuleika de Souza 20.12.95



Loyola prevê: "Vamos entrar 97 com taxas baixas de crescimento"

amigos na bancada (parlamentar) paranaense".

Loyola usou como exemplo da credibilidade do governo Fernando Henrique as aplicações de capital estrangeiro deste ano. "Foram US\$ 6,5 bilhões de investimento direto, o total mais alto da história econômica do país, o que prova que todos estão apostando no futuro do Brasil". Disse que "o Brasil precisa de investidores otimistas".

O presidente do BC procurou apresentar números agradáveis à platéia. O mais importante deles foi o de 7% de ganho de produtividade ao ano, desde o início da abertura da economia brasileira, no início dos anos 90.

Ele destacou ainda as reformas em discussão no Congresso, garantindo que o governo Fernando Henrique vai continuar oferecendo oportunidades de investimento em todos os campos da economia. "Nossa abertura (econômica) é irreversível, dentro da globalização da economia mundial", afirmou.

Loyola disse que o Brasil vai procurar aumentar o financiamento às exportações, para corrigir o déficit registrado na balança comercial nos últimos meses. Ele garantiu que o problema é "pequeno, suportável". Segundo ele, no final deste ano o País terá uma taxa de crescimento de 7%, contra média de 3% do resto do ano.